

Estabilização trouxe o ocaso do dólar

FLÁVIA OLIVEIRA

Depois de anos como referência obrigatória no mundo dos negócios e no orçamento doméstico, o dólar perdeu o charme, saiu de moda e ficou out. Chique agora é ter reais no bolso e pagar em moeda nacional o apartamento novo, o carro usado ou até mesmo o importado zero quilômetro: as revendedoras Mitsubishi, Honda e Peugeot já estão trabalhando com tabelas de preços em real. Dessa onda não escapou nem mesmo a carne de boi, que passou a ser negociada em moeda brasileira na Bolsa de Gêneros Alimentícios.

O mercado imobiliário saiu na frente. Tão logo a nova moeda foi

implantada, os preços abandonaram o dólar, que lhes servia de referência nos tempos da inflação alta, e se atrelaram ao real.

— O setor imobiliário rapidamente se desfez do indexador. Houve uma crença generalizada de que a nova moeda funcionaria e o dólar praticamente deixou de existir no dia 1º de julho — exagera o consultor João Luiz Franco Neto, sócio da Empresa Brasileira de Avaliação Patrimonial (Embrap).

O ocaso do dólar foi consequência direta da expectativa de queda da inflação. Com a economia estabilizada, não haveria necessidade de manter o referencial de preços de moeda americana.

— O mercado é oportunista. Acredita que o real vale mais e não quer perder nada com o dólar

— admite José de Souza e Silva, presidente da Bolsa de Gêneros Alimentícios do Rio, onde não só a carne bovina, mas também a soja, o frango, o trigo e o arroz passaram a ser cotados em real.

Esse oportunismo tem fundamentos. Em nenhuma das conversões a equivalência entre as duas moedas foi diferente de um para um, apesar de o dólar ter entrado na era real cotado a R\$ 0,94.

— O ganho obtido com a conversão só se manteve nos imóveis da Barra, área de maior valorização. Nas demais regiões, o comprador consegue descontos — pondera o presidente da Associação dos Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi), Fernando Wrobel.